

A Influência da Tecnologia na Formação da Identidade de um Adolescente

Ana Vithoria K. P. Oliveira, Isabel Cristina R. Goulart, Jéssica B. Araújo

Curso de Psicologia

Universidade Evangélica de Goiás - UniEvangélica

Nota dos Autores

Ana Vithoria Kran Pereira de Oliveira, Isabel Cristina Reis Departamento de Psicologia da Universidade Evangélica de Goiás – UniEvangélica.

Não há conflito de interesse a declarar.

A correspondência referente a este artigo deve ser endereçada a Joicy Mara R. Rolindo, Departamento de Psicologia, Universidade Evangélica de Goiás – UniEvangélica, Avenida Universitária, km. 3,5 – Cidade Universitária – Anápolis - GO – CEP: 75.083-515. Anápolis-GO. E-mail: joicy.rolindo@unievangolica.edu.

Resumo

Este estudo teve como objetivo analisar a influência da tecnologia e das redes sociais na formação da identidade de adolescentes, considerando os aspectos emocionais, cognitivos e sociais característicos dessa fase do desenvolvimento humano. Trata-se de uma pesquisa qualitativa e exploratória, fundamentada em revisão bibliográfica de artigos científicos, livros e relatórios publicados entre 2015 e 2025, abordando teorias da psicologia do desenvolvimento, psicologia social e estudos da comunicação. Os resultados indicaram que o uso intenso das redes sociais afeta diretamente a construção identitária dos adolescentes, influenciando sua autoimagem, autoestima e percepção de pertencimento. Verificou-se que, após a pandemia de COVID-19, houve um aumento significativo no tempo de exposição às telas, o que transformou o ambiente virtual em principal espaço de socialização e expressão. Embora as tecnologias digitais possam favorecer a autonomia, o aprendizado e a interação, seu uso excessivo está associado a impactos negativos, como dependência, comparações sociais, distorção da imagem corporal e vulnerabilidade emocional. Conclui-se que compreender o papel das redes sociais na formação identitária é essencial para o desenvolvimento de estratégias de orientação e mediação familiar e escolar que promovam o uso consciente da tecnologia, contribuindo para a construção de uma identidade saudável e equilibrada na era digital.

Palavras-Chave: adolescência, redes sociais, identidade, transição, psicologia social comunitária, covid-19

A influência da tecnologia na formação da identidade de um adolescente

A Organização Mundial da Saúde (OMS), para fins estatísticos, definiu a adolescência como a etapa da vida correspondente dos 10 aos 19 anos de idade. Após essa data, os jovens já seriam responsáveis por si próprios, logo já podem ter uma vida adulta (Organização Mundial da Saúde, 1986). Já no Brasil, de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente, a partir da Lei Nº 8.069, de 1990, define-se a adolescência o período de idade dos 12 aos 18 anos (Brasil, 1990).

A adolescência é compreendida como uma etapa crucial do desenvolvimento humano, marcada por intensas transformações físicas, cognitivas, emocionais e sociais. De acordo com Papalia et al. (2021), esse período geralmente se estende dos 10 aos 19 anos e é subdividido em três fases: adolescência inicial, média e final. Durante esse intervalo, os indivíduos vivenciam o início da puberdade, que acarreta mudanças hormonais e corporais significativas, além da entrada no estágio das operações formais, conforme descrito por Piaget, no qual o pensamento se torna mais abstrato, lógico e hipotético. Pontuar sobre essa temática foi importante porque a adolescência foi um período crítico de desenvolvimento em que o indivíduo construiu sua autoimagem, seus valores e seu papel social - e, naquele contexto, a tecnologia (como redes sociais, jogos online e plataformas digitais) exerceu um papel central nesse processo.

Nos últimos anos o avanço tecnológico provocou grandes mudanças na forma de se comunicar e nas dinâmicas sociais, em especial na subjetividade e formação identitária. Na adolescência, as mudanças físicas, sociais e emocionais são marcantes e é caracterizada por um ciclo em particular, sensível a influências de vários fatores externos, dos quais os meios digitais ocuparam uma grande parte da vida desses jovens, tornando-se um dos principais meios de interação, construção de pertencimento e expressão pessoal.

A pesquisa realizada pela TIC Kids Online (Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR, 2024), do Comitê Gestor da Internet no Brasil, apontou que, em 2023, cerca de 25 milhões de indivíduos de 9 a 17 anos eram usuários de Internet no Brasil, quase a totalidade de crianças e adolescentes na faixa etária investigada (95%).

O presente trabalho se fez necessário no âmbito social, visando a necessidade de dar a devida importância ao acesso às redes sociais na vida dos adolescentes. Após a pandemia mundial, crianças e adolescentes passaram pelo isolamento social e esse fato fez com que o uso das redes tivesse um aumento significativo em pouco tempo. Entre jovens de 12 a 18 anos, por exemplo, a utilização de tecnologias digitais, como computador, televisão e celular, por mais de seis horas diárias, passou de 17,39%, antes da pandemia, para 59,4%, de acordo com dados

de uma pesquisa da Sociedade Brasileira de Urologia de 2020. Tendo em vista esses dados, foi notório que a forma como a internet era vista mudou: novos contextos de risco como cyberbullying, exposição a conteúdos inadequados, riscos físicos, mentais e comportamentais, além de moldar de forma negativa o caráter por meio do uso indiscriminado e sem supervisão, mas também pôde ser ferramenta de apoio, educação emocional e expressão subjetiva.

Um estudo realizado com adolescentes de escolas públicas da região metropolitana de Betim (MG) investigou como os modos de subjetivação e identidade foram transformados pela tecnologia. A pesquisa identificou que o uso abusivo das redes sociais pôde levar à dependência, manifestando-se por meio de sintomas como depressão, irritabilidade e angústia. Além disso, a identidade dos adolescentes tornou-se um processo fluido, influenciado pelas relações estabelecidas nas plataformas digitais. Levando em consideração todos os dados apresentados, foi evidente que a internet está diretamente relacionada à sua construção de pertencimento, exposições a padrões e comparações, afetando sua autoestima, favorecendo o isolamento e desenvolvendo sua identidade de forma mais livre ou, em alguns casos, mais exposta e vulnerável.

De acordo com Alves (2008), identidade pode ser considerada a noção de individualização do sujeito do “outro”, e do espaço como “um só”, em que emerge o sentimento de delimitação do saber “quem sou eu”, “a que grupo pertence”, e a noção de que “não sou” mais apenas uma extensão de outro, mas, sim portador da minha própria subjetividade”. A adolescência é um período crítico no desenvolvimento da identidade, influenciado por múltiplos fatores como família, cultura e relações sociais (Papalia et al., 2021). No aspecto psicossocial, a adolescência é marcada pela busca de identidade, conforme proposto por Erikson na crise “identidade versus confusão de papéis”, em que o adolescente explora valores, crenças e papéis sociais (Papalia et al., 2021), além disso, houve um aumento na busca por autonomia em relação aos pais, acompanhado de uma maior influência dos grupos de pares, sendo o suporte familiar e a comunicação aberta destacados como elementos fundamentais para um desenvolvimento saudável nessa fase.

Considerando o papel das redes sociais no desenvolvimento identitário dos jovens na contemporaneidade, foi válido ressaltar o pensamento de Manuel Castells (1999), que afirmou que “A rede não é apenas um meio de comunicação. É um modo de vida”. Para o autor, as redes sociais se tornaram espaços privilegiados para a construção e expressão das identidades, especialmente entre os jovens, que utilizaram esses ambientes virtuais como meios de afirmação e pertencimento. Dessa forma, mostrou-se relevante investigar como esses impactos estiveram ligados aos comportamentos apresentados pelos adolescentes de 10 a 19 anos que

vivenciaram a era digital e como ela interferiu em sua construção de identidade pessoal.

Com este estudo, buscou-se compreender de forma aprofundada o impacto das redes sociais na formação da identidade dos adolescentes. Analisou-se como a constante exposição a conteúdos digitais influenciou a construção do processo subjetivo, a formação da autoimagem, a percepção de si mesmo e a busca por pertencimento, validação social, como os padrões de beleza afetam de forma distintas os gêneros, além de como esse fenômeno desempenhou um papel significativo, moldando o comportamento. Também foram destacados tanto os benefícios quanto os desafios do uso dessas plataformas no período da adolescência e a influência da COVID-19 que contribuiu para o aumento exacerbado do uso das redes, consolidando hábitos que persistiram mesmo após o retorno às atividades presenciais.

Através dos fatos apresentados procurou-se analisar como as redes sociais influenciaram a formação de valores e comportamentos dos adolescentes. O contato frequente com influenciadores digitais, tendências e padrões estéticos teve um papel determinante na construção da identidade. Assim, avaliou-se até que ponto essas influências impactaram a forma como os jovens perceberam a si mesmos e os outros ao seu redor.

Por fim, este estudo teve como objetivo apresentar e investigar a influência da tecnologia na formação da identidade do adolescente, de acordo com referências teóricas da psicologia do desenvolvimento, psicologia social, sociologia e estudos da comunicação. Pretendeu-se sugerir estratégias para o uso mais consciente das redes sociais, minimizando seus impactos negativos. Foram abordadas possíveis diretrizes para pais, educadores e profissionais de saúde sobre como orientar os adolescentes no uso equilibrado da tecnologia. Dessa forma, esperou-se contribuir para uma reflexão crítica sobre a relação entre os jovens, sua identidade e o mundo digital.

Para alcançar tais objetivos, foi utilizada a revisão bibliográfica não sistemática, de caráter qualitativo e exploratório, cujo objetivo foi compreender e discutir os principais aportes teóricos e empíricos relacionados ao tema em estudo. Os materiais foram selecionados a partir de livros, artigos científicos e documentos relevantes, considerando a afinidade com o referencial teórico adotado e a contribuição para a análise crítica do objeto de pesquisa, sem a aplicação de um protocolo rígido de busca. A opção justifica-se pela natureza teórica e reflexiva do presente estudo, que busca compreender a importância da tecnologia no processo de formação da identidade do adolescente. Considerando que a identidade é um constructo complexo, atravessado por dimensões sociais, culturais e subjetivas, esse tipo de revisão possibilita a articulação de diferentes referenciais teóricos e estudos empíricos relevantes, sem a limitação de critérios rígidos de busca, permitindo uma análise crítica e integrada do fenômeno.

Impacto das tecnologias no processo de subjetivação

A subjetividade não é compreendida como uma essência individual pré-existente, mas como um processo histórico e relacional constituído nas práticas sociais. Para Lane (2006), por exemplo, a subjetividade emerge da atividade concreta dos sujeitos em seu contexto cultural e político, mediada pelas instituições e pelos discursos. González Rey (2011) reforça essa concepção ao propor que a subjetividade é um sistema de sentidos subjetivos que se produz e se transforma nas interações sociais, constituindo-se como um espaço de mediação entre o social e o singular. Assim, entende-se que cada pessoa, ao mesmo tempo em que internaliza valores, normas e práticas do meio social, também os ressignifica e cria formas próprias de agir e sentir, evidenciando que a subjetividade é simultaneamente social, processual e singular.

Com a chegada da tecnologia, a comunicação ganhou novos traços na modernidade. Redes sociais como Instagram, TikTok e Facebook se tornam um espaço de expressão, passam a ser um palco de interação. As plataformas online desenvolvem a lógica da visibilidade, expondo a vida diária como um palco para a auto projeção e construção de identidades em busca de reconhecimento e validação. Esse fenômeno está integrado em uma cultura neoliberal que incentiva a auto exploração, a meritocracia e a transformação da identidade em um capital simbólico. Por sua vez, a subjetividade evolui para uma forma mais prática e eficiente, ajustada às estratégias e aos mecanismos do ambiente online.

De acordo com Silva (2017), o uso demasiado das redes sociais por adolescentes e jovens, resulta em instabilidade emocional, autoestima frágil e aquisição de conflitos internos e crises existenciais. Uma das grandes questões é a busca por aprovação e popularidade e quando não alcançada gera frustração. Ficam tão alienados que não sabem se distinguir no meio, busca por padrões estéticos e se cobram para serem aceitos. Essa dificuldade em estabelecer um senso de si coerente está diretamente ligada à complexidade do processo de construção identitária, que não se limita a um momento específico, mas ocorre de forma contínua e conflituosa.

Identidade, gênero e padrões de beleza nas redes sociais

É importante ressaltar também a relação entre imagem corporal e constituição da identidade e da subjetividade, pois é nesse período que ocorre uma intensificação da busca por aceitação social e construção do autoconceito. Com a expansão das interações no ambiente digital, os adolescentes passaram a conviver com um volume ainda maior de distorção da imagem corporal e da comparação social com padrões irreais. Redes sociais como Instagram, TikTok e outras plataformas funcionam como vitrines identitárias, nas quais corpos e estilos de vida são apresentados de forma artificialmente perfeita, gerando nos jovens a percepção de que precisam corresponder a esses modelos para serem aceitos socialmente. De acordo com Fardouly et al. (2015) e Perloff (2014), a exposição constante a padrões inalcançáveis está fortemente relacionada à insatisfação corporal e à internalização de ideais estéticos rígidos, interferindo diretamente na construção subjetiva do “eu”, conteúdos estéticos idealizados, filtrados e editados, o que tem contribuído para o aumento significativo da insatisfação corporal e da comparação social entre adolescentes.

Esse processo acentua a dificuldade de aceitação de si mesmo, pois a identidade, ainda em formação, torna-se permeada por sentimentos de inadequação, inferioridade e necessidade

de validação externa. Como destacam Holland e Tiggemann (2016), a internalização de padrões corporais mediados pelas redes sociais reduz os níveis de autoaceitação e aumenta a vulnerabilidade emocional dos adolescentes. Assim, o ambiente digital, embora seja um espaço de pertencimento e expressão, também se configura como um lugar de reforço de inseguranças subjetivas, impactando de maneira profunda a forma como os adolescentes percebem seu corpo, sua identidade e seu valor pessoal.

A expansão do uso de redes sociais entre crianças e adolescentes desde 2019 intensificou a exposição a imagens e narrativas estéticas padronizadas que influenciam de forma diferenciada meninas e meninos. No Brasil, a Pesquisa TIC Kids Online 2023 (Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR, 2024) mostrou que crianças e adolescentes estão se conectando cada vez mais cedo, cerca de 24% relataram ter acesso à internet desde os 6 anos, o que amplia a janela de influência das mídias digitais sobre processos identitários que ocorrem já na infância e se cristalizam na adolescência. Esse aumento no tempo e na precocidade de uso cria um contexto propício para internalização de padrões culturais veiculados nas plataformas digitais.

Esse contato intenso e contínuo com imagens idealizadas influencia de forma distinta meninos e meninas. De acordo com o Pew Research Center (2023), 45% das adolescentes norte-americanas afirmaram sentir-se sobrecarregadas pelas interações nas redes sociais, enquanto apenas 32% dos meninos relataram o mesmo sentimento. As meninas também se mostraram mais vulneráveis a questões de autoestima e insatisfação corporal, ao passo que os meninos apresentaram maior preocupação com status social e desempenho. Esses dados indicam que as redes reproduzem e amplificam papéis de gênero socialmente estabelecidos, direcionando diferentes tipos de pressão sobre cada grupo.

A dimensão de gênero se entrelaça, portanto, com a cultura do consumo e da visibilidade, em que o valor social do indivíduo é medido pela imagem que ele projeta. Como observa Lipovetsky (2000), a sociedade contemporânea é marcada pelo culto à estética, pela juventude e pela busca incessante de reconhecimento. Nas redes, essa lógica é amplificada por mecanismos de engajamento que premiam a aparência e o desempenho, contribuindo para a objetificação do corpo e a mercantilização da identidade.

Contudo, a mesma tecnologia que reproduz padrões também abre espaço para resistência. Movimentos como o body positive, o feminismo digital e a promoção das masculinidades saudáveis têm utilizado as redes para desconstruir estereótipos e ampliar representações de corpo, gênero e subjetividade. Segundo Hooks (2000), a emancipação se fortalece quando os sujeitos se tornam narradores de suas próprias histórias e questionam as

estruturas simbólicas que os oprimem. Nesse sentido, adolescentes que desenvolvem um uso crítico das redes podem transformar o ambiente digital em um espaço de pertencimento, aceitação e expressão autêntica.

Dessa forma, ao mesmo tempo em que as redes sociais configuram um campo de reprodução de desigualdades de gênero, elas também funcionam como plataformas de transformação e empoderamento. Compreender essas dinâmicas é essencial para orientações que promovam o uso saudável da tecnologia, favorecendo a construção de identidades mais livres, críticas e equilibradas na era digital.

Desafios e consequências presentes no desenvolvimento identitário

O uso excessivo das tecnologias digitais na infância e adolescência apresenta uma série de desafios que repercutem diretamente no desenvolvimento identitário. O acesso cada vez mais precoce à internet, muitas vezes já na primeira infância, interfere em etapas fundamentais de formação da subjetividade, como o desenvolvimento da linguagem, da imaginação e da capacidade de atenção. O relatório TIC Kids Online Brasil mostra que “o acesso à internet está acontecendo cada vez mais cedo, consequentemente, expondo as crianças e adolescentes a alguns perigos e riscos” (Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR, 2024, p. 4). Esse contato antecipado, quando não mediado por orientações familiares ou pedagógicas, pode dificultar a construção de referências sólidas que sustentam o processo de autoconhecimento e de inserção social. Como destaca Desmurget (2021), “as telas em excesso podem provocar uma menor conectividade funcional em áreas do cérebro relacionadas à linguagem, afetando o desenvolvimento cognitivo” (p. 3).

Outro aspecto relevante diz respeito ao predomínio do uso recreativo sobre o educativo, crianças e adolescentes dedicam grande parte de seu tempo a redes sociais, jogos e vídeos, enquanto atividades relacionadas à leitura, ao diálogo e à aprendizagem escolar ocupam espaços menores. Essa escolha de prioridades, influencia diretamente a formação identitária, uma vez que a identidade se constitui também pelas práticas culturais e pelos repertórios adquiridos no cotidiano. Assim, a limitação de experiências formativas pode levar a um empobrecimento intelectual e cultural. Desmurget (2021), afirma que “quanto mais tempo dedicado às tecnologias voltadas para recreação, pior é o desempenho escolar” (p. 4).

As desigualdades sociais também configuram um desafio importante. Crianças de classes mais favorecidas tendem a diversificar seus usos das tecnologias, incluindo atividades educacionais e culturais, enquanto aquelas de classes menos favorecidas permanecem mais

restritas ao consumo recreativo. O estudo utilizado no artigo indica que “os mais afetados são as crianças e adolescentes com renda mais baixa, impactando diretamente o rendimento escolar” (Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR, 2024, p. 7). Nessa mesma direção, Habib e Dezem (2023), apontam a “exclusão digital no Brasil” como um dos fatores que “limitam o desenvolvimento intelectual e profissional” (p. 562).

Identidade Adolescente e Conectividade: Reflexos da Pandemia

Em 11 de março de 2020, a COVID-19 foi caracterizada pela OMS como uma pandemia, devido à ampla distribuição geográfica da doença respiratória no mundo. O que desencadeou profundas mudanças sociais, emocionais e tecnológicas que impactou de forma significativa a vida das pessoas em todo o mundo.

A formação da identidade pessoal é uma característica que prevalece principalmente no período da adolescência, junto com a busca pelo autoconhecimento. As formações de identidades têm lugar em interações pessoais e nas experiências vividas nesse momento, caracterizadas, principalmente, pela vivência com um grupo de iguais e experimentação de novos comportamentos e sentimentos (Pajares et al., 2015). Segundo a afirmação, podemos analisar a importância das interações sociais presenciais na vida dos adolescentes, e com o isolamento social proveniente da COVID-19, isso precisou mudar, o que antes era pessoalmente, se tornou online através de jogos, plataformas de comunicação e redes sociais.

Nesse contexto, o ambiente digital ganhou espaço de refúgio social e construção de identidade para muitos jovens, que passaram a utilizar de forma intensificada o espaço virtual para se expressar e comunicar com outros adolescentes. O uso ampliado da tecnologia se configurou, assim, não apenas como um meio de entretenimento, mas como uma ferramenta essencial de manutenção dos vínculos afetivos e sociais. Segundo Salzano et al. (2021), para muitos adolescentes, a internet representou uma forma de preservar interações sociais significativas e garantir um senso de pertencimento mesmo diante das restrições físicas impostas pelo isolamento. Além disso, as redes sociais se tornaram ambientes privilegiados para a exploração da identidade, permitindo a experimentação de novos modos de ser e estar no mundo, característica essencial do desenvolvimento adolescente (Erikson, 1968).

Entretanto, embora o ambiente virtual tenha possibilitado a manutenção dos vínculos sociais durante o isolamento, também apresentou efeitos negativos significativos para o desenvolvimento emocional e social dos adolescentes. A ausência do contato presencial reduziu oportunidades de interação face a face, fundamentais para o desenvolvimento de habilidades

socioemocionais, empatia e senso de pertencimento real (Marciano et al., 2022). Além disso, o uso excessivo de telas e redes sociais esteve frequentemente associado ao aumento de sentimentos de solidão, ansiedade, sintomas depressivos e dificuldades na regulação emocional (Deslandes & Coutinho, 2020).

O ambiente digital, embora ofereça possibilidades de expressão e conexão, também pode reforçar comparações sociais, exposição a conteúdos nocivos e a sensação de isolamento emocional, mesmo em contextos de alta conectividade. Assim, o mesmo espaço que serviu de refúgio para muitos adolescentes também potencializou vulnerabilidades subjetivas, interferindo diretamente em sua autoestima, autoimagem e na qualidade das interações sociais (Fiamenghi Jr. & Cerantola, 2021).

Considerações Finais

Este estudo teve como objetivo analisar a influência da tecnologia e das redes sociais na formação da identidade de adolescentes, considerando os aspectos emocionais, cognitivos e sociais característicos dessa fase do desenvolvimento humano. Trata-se de uma pesquisa qualitativa e exploratória, fundamentada em revisão bibliográfica de artigos científicos, livros e relatórios publicados entre 2010 e 2025, abordando teorias da psicologia do desenvolvimento, psicologia social e estudos da comunicação. Os resultados indicaram que o uso intenso das redes sociais afeta diretamente a construção identitária dos adolescentes, influenciando sua autoimagem, autoestima e percepção de pertencimento.

Verificou-se que, após a pandemia de COVID-19, houve um aumento significativo no tempo de exposição às telas, o que transformou o ambiente virtual em principal espaço de socialização e expressão. Embora as tecnologias digitais possam favorecer a autonomia, o aprendizado e a interação, seu uso excessivo está associado a impactos negativos, como dependência, comparações sociais, distorção da imagem corporal e vulnerabilidade emocional.

Conclui-se que compreender o papel das redes sociais na formação identitária é essencial para o desenvolvimento de estratégias de orientação e mediação familiar e escolar que promovam o uso consciente da tecnologia, contribuindo para a construção de uma identidade saudável e equilibrada na era digital.

Referências

- Alves, G. M. (2008). *A construção da identidade do adolescente e a influência dos rótulos na mesma*. [Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade do Extremo Sul Catarinense]. <http://newpsi.bvs-psi.org.br/tcc/GabrielaMacileAlves.pdf>
- Brasil. Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. *Estatuto da criança e do adolescente*. Brasília: Ministério da Justiça, 1990. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm
- Castells, M. (1999). *O poder da identidade*. Paz & Terra.
- Deslandes, S. F., & Coutinho, T. (2020). O uso intensivo da internet por crianças e adolescentes no contexto da COVID-19 e os riscos para violências autoinfligidas. *Ciência & Saúde Coletiva*, 25(Supl. 1), 2479–2486. <https://doi.org/10.1590/1413-81232020256.1.11472020>
- Desmurget, M. (2021). *A fábrica de cretinos digitais: os perigos das telas para nossas crianças*. Vestígio.
- Erikson, E. H. (1968). *Identity: Youth and crisis*. W. W. Norton & Company.
- Fardouly, J., Diedrichs, P. C., Vartanian, L. R., & Halliwell, E. (2015). Social comparisons on social media: The impact of Facebook on young women's body image concerns and mood. *Body Image*, 13, 38–45.
- Fiamenghi Jr., G. A., & Cerantola, J. F. A. (2021). Redes sociais e impactos na subjetividade do adolescente na pandemia. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, 7(5), 320–331.
- Habib, M. J., & Canal Dezem, C. M. . (2024). Exclusão digital no Brasil: avaliação e intervenções para uma sociedade mais conectada.. *Anais Do Congresso Brasileiro De Processo Coletivo E Cidadania*, 11(11), 562–574. Recuperado de <https://revistas.unaerp.br/cbpcc/article/view/3183>
- Holland, G., & Tiggemann, M. (2016). A systematic review of the impact of the use of social networking sites on body image and disordered eating outcomes. *Body Image*, 17, 100–110.
- Hooks, B. (2000). *Feminism is for everybody: Passionate politics*. South End Press.
- Lane, S. (2006). *Psicologia social: o homem em movimento*. Editora Brasiliense.

- Lipovetsky, G. (2000). *A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo*. Manole.
- Marciano, L., Ostroumova, M., Schulz, P. J., & Camerini, A. L. (2022). Digital media use and adolescents' mental health during the COVID-19 pandemic: A systematic review and meta-analysis. *Frontiers in Public Health*, 9, 793868.
- Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR. (2024). *Pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil: TIC Kids Online Brasil 2023* [livro eletrônico]. Comitê Gestor da Internet no Brasil.
https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/20250512154312/tic_kids_online_2024_livro_eletronico.pdf
- Organização Mundial da Saúde. (1986). *Young people's health: A challenge for society* [A saúde dos jovens: Um desafio para a sociedade]. Genebra: Organização Mundial da Saúde.
- Pajares, Rosana Cretendio, Aznar-Farias, Maria, Tucci, Adriana Marcassa, & Oliveira-Monteiro, Nancy Ramacciotti de. (2015). Comportamento prossocial em adolescentes estudantes: uso de um programa de intervenção breve. *Temas em Psicologia*, 23(2), 507-519. <https://doi.org/10.9788/TP2015.2-20>
- Papalia, D. E., & Martorell, G. (2021). *Desenvolvimento humano* (14ª ed.). AMGH Editora.
- Perloff, R. M. (2014). Social Media Effects on Young Women's Body Image Concerns: Theoretical Perspectives and an Agenda for Research. *Sex Roles*, 71(11–12), 363–377.
- Pew Research Center. (2023). *Teens, social media and technology 2023*
- González Rey, F. (2011) Lenguaje sentido y subjetividad: más allá del lenguaje y la conducta. *Estudios de Psicología*, 32(3), p. 345-357.
<https://fernandogonzalezrey.com/artigos/artigos-teoria-da-subjetividade/>
- Salzano, G., Passanisi, A., Pira, F., Pizzo, G., & Sorrentino, D. (2021). Quarantine due to the COVID-19 pandemic from the perspective of adolescents: the crucial role of technology. *Italian Journal of Pediatrics*, 47(1), 1–5
- Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República. (2023). *Guia de telas: Consulta pública sobre uso de dispositivos digitais por crianças e adolescentes. Governo Federal*. https://www.gov.br/secom/pt-br/assuntos/uso-de-telas-por-criancas-e-adolescentes/guia/guia-de-telas_sobre-usos-de-dispositivos-digitais_versaoweb.pdf

- Silva, T. D. O. (2017). Os impactos sociais, cognitivos e afetivos sobre a geração de adolescentes conectados às tecnologias digitais. *Revista Pedagogia*, 34(103). http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862017000100009&lng=pt&nrm=iso
- Tiggemann, M., & Slater, A. (2013). NetGirls: The Internet, Facebook, and body image concern in adolescent girls. *International Journal of Eating Disorders*, 46(6), 630–633.
- Turkle, S. (2011). *Alone together: Why we expect more from technology and less from each other*. Basic Books.